

A História Nova - Jacques Le Goff

Sobre o autor:

- Jacques Le Goff (1924-2014) foi um importante historiador francês, que se dedicou ao estudo da Idade Média. Fez parte da terceira geração da Escola dos *Annales*, dedicando grande parte de sua obra à História das Mentalidades. É considerado um dos principais historiadores da Nova História.
- Como um dos membros da terceira geração dos *Annales*, também denominada como Nova História, Le Goff manteve em sua produção a tradição annalista. Nesse sentido, verificamos em seus trabalhos a noção de fato histórico como algo a ser construído pelo historiador; da “História problema”; a defesa da longa duração; a abordagem de novos objetos; a aproximação da História a outras ciências, em particular a Antropologia e a Sociologia, e uma ampla visão de documento.

Sobre a Obra:

- A História Nova, primeiro capítulo do livro com o mesmo título, “La Nouvelle Histoire”, foi editada pela Retz Cepl, em 1978. No Brasil, a obra foi publicada em 1989, pela Martins Fontes. O livro, organizado por Le Goff, reúne dez capítulos escritos, entre outros, por Michel Vovelle, Philippe Ariès, Jean-Claude Schmitt e Guy Bois, que elaboram um panorama geral das principais posições defendidas no âmbito dos *Annales*. No texto escrito por Le Goff, o autor opta por fazer um balanço do novo estatuto da História, à luz dos avanços promovidos pela reconhecida necessidade da interdisciplinaridade, da busca da História total, identificada com a “História que é toda social” (p. 28) e não apenas econômica e social, e da ampliação do conceito de documento histórico. Em suma, Le Goff aborda as principais questões apresentadas, segundo sua visão, aos *Annales* àquela ocasião.

P. 25

- Nos últimos 20 anos houve uma profunda renovação do domínio científico, atingindo também as ciências humanas.
- Três fenômenos assinalam essa emergência de um novo campo do saber: a afirmação de ciências, a renovação, a interdisciplinaridade.

P. 26

- “Nesse campo renovado, uma ciência ocupa uma posição original: a história. Há uma história nova, e um de seus pioneiros, Henri Berr, já empregava o termo em 1930. A

história deve esse lugar original a duas características essenciais: sua renovação integral e o arraigamento de sua mutação em tradições antigas e sólidas.”

- Influência da geografia na história; “Aliança entre a geografia humana e a história nova.”
- “... abre a história nova a busca simultânea do espaço e do tempo...”

P. 27

- “importância da cartografia para a história nova, grande consumidora de mapas...”

Toda forma de história nova é uma tentativa de história total

- “... a história nova não se contenta com esses avanços. Ela se afirma como história global, total, e reivindica a renovação de todo o campo da história.”
- “... livros de história total em que a totalidade de uma sociedade é estudada e apresentada.”
- “Toda forma de história nova (...) e que se coloca sobre a bandeira de uma etiqueta aparentemente parcial ou setorial (...) é, na verdade, uma tentativa de história total (...)”

P. 28

- “Não há história econômica e social. Há uma história pura e simples em sua unidade. A história é toda social, por definição.”

A história nova ampliou o campo do documento histórico

- “A história nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a história positivista do século XIX. (..) No entanto, uma parte das conquistas técnicas do método positivista permanece válida.”
- “A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos (...) os métodos de crítica desses documentos novos calçaram-se mais ou menos nos métodos aperfeiçoados pela erudição dos séculos XVII, XVIII e XIX”

P. 29

- A história vive hoje uma “renovação documental”
- “Melhor que as outras ciências humanas (...) a história (...) proporciona uma base institucional firme e pode, apoiando-se em sua longa tradição, voltar-se para novos horizontes, tendo, se ousar dizer, sua retaguarda protegida.”

Nascimento da história nova: A “Escola dos Annales”

- A história nova já tem uma tradição própria, a dos fundadores da revista “Annales d’histoire économique et sociale”. Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929.
- Tirar a história do marasmo da rotina, em primeiro lugar de seu confinamento em barreiras estritamente disciplinares.

P. 30

- Desejo de afirmar duas direções inovadoras: história econômica e social. O econômico tratava-se de promover um domínio quase completamente abandonado pela história tradicional. Os fundadores dos “Annales” encontravam não apenas o acento posto no econômico, como também no social, aquele social que os seduzira por seu caráter vago que permitia falar de tudo. porque se tratava de saltar os muros, derrubar as divisões que separavam a história das ciências vizinhas, especialmente da sociologia.
- “A única história verdadeira, que só pode ser feita por ajuda mútua, é a história universal.”

Uma luta contra a história política

- De 1924 a 1939 os annales combateram a história política, sobretudo sob sua forma diplomática. Essa história política que é, por um lado, uma história-narrativa e, por outro, uma história de acontecimentos, uma história fatural, teatro de aparências que mascara o verdadeiro jogo da história.

P. 31

- Busca de outros motivos e explicações além do econômico.
- Apelo de uma história profunda e total.

Uma crítica da noção de fato histórico

- Crítica dos Annales a noção de fato histórico.
- Os fatos históricos não se apresentam para o historiador, são eles que devem cientificamente produzi-los. Algo criado pelo historiador com base em documentos.

P. 32

Os annais. Economias. Sociedades. Civilizações

- Depois da segunda guerra, os Annales e os historiadores ao seu redor reavivam e fazem a história nova progredir, ampliando seus horizontes.
- Uso do plural
- Aparecimento do termo “civilizações”

p. 33

A escola dos “annales” e a concepção de Toynbe

- Crítica a Toynbee: Uma história ilusionista. Uma filosofia da história, não uma história científica. A história à Toynbee, apesar de suas sedução, sua vista larga, seu desejo de totalidade, essa história confusa, feia - obrigatoriamente - de terceira mão em grande parte e que filosofa barato não é a nossa.

Uma história problema, e não automática.

- Colocar os problemas da história: proporcionar uma história não automática, mas problemática.

p. 34

- Os problemas para uma história para o tempo presente (...) desejo de se abrir mais amplamente, fora e contra qualquer eurocentrismo.
- Marc Bloch, “Apologia da história ou Ofício de historiador”
- Recusar o mito das origens
- Estar atento às relações entre presente e passado, isto é, "compreender o presente pelo passado”, mas também “compreender o passado pelo presente”.

Combates por uma nova história

- Febvre, artigos “Combates pela história”
- Contra a história política e diplomática, a história-quadro, a história-manual, a história filosófica e o que ele chama de história historicizante, à base de história fatual, passiva diante dos fatos, sem problemas, encerrada da ruminação dos textos.

p. 35

- Combate por uma história dirigida, feita a partir de enquetes coletivas.
- Olhar para o vizinho.
- Interdisciplinaridade

p. 36

- A história nova é transmitida pelo ensino, pela pesquisa e pela discussão nas instituições universitárias.

Rumo a uma outra história... com Fernand Braudel

- Fernand Braudel e Charles Morazé voltam a proporcionar aos “Annales” o impulso rumo a essa história em que passado e presente se iluminam mutuamente.

p. 37

- 1958 publicação do artigo que vai marcar profundamente a etapa atual da história nova: “História e ciências sociais: a longa duração”

- Em 1969 Braudel, Morazé e George Friedmann confiam os Annales a uma nova equipe: André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel.

Os pais da história Nova

- Além da “Escola dos annales”, a história nova pode reivindicar alguns dos maiores nomes da história desde o século XVIII.
- **Voltaire** (1694-1778)

p. 38

- História econômica, demográfica, história das técnicas e dos costumes, não apenas política, militar, diplomática. História dos homens, de todos os homens, não unicamente dos reis e dos grandes. Histórias das estruturas, não apenas dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações, não história estática, história quadro. História explicativa, não história puramente narrativa, descritiva - ou dogmática. História total, enfim... Esse programa da história nova, que tem mais de dois séculos.
- **Chateaubriand (1768-1848)**: O prefácio dos Estudos Históricos de Chateaubriand (1831) é um verdadeiro manifesto da História nova.

p. 39

- História global de novo, onde o econômico, o artístico, o antropológico ocupam o primeiro plano. História dos preços e da economia política (e não história política). História "filosófica", isto é, problemática e explicativa. História pronta, enfim, a renunciar ao prestígio do estilo, à concepção do historiador escritor e artista, se for preciso pagar esse preço pelo rigor científico... História nova que Chateaubriand chama de história “moderna”.
- A história “moderna” de Chateaubriand em 1831 já é a nossa história nova.
- **Guizot (1787-1874)**: Atribuíra como objeto central da história a civilização.

p. 40

- Veja na civilização a ideia de progresso.

p. 41

- **Michelet (1798-1874), profeta da história nova**
- Recusa de uma história essencialmente política e a aspiração a uma história total e profunda. Enfim e sobretudo, o apelo a duas orientações essenciais da história nova: uma história mais material, anunciadora da história da cultura material, que se

interessa pelo clima, pelos alimentos, pelas circunstâncias físicas, e uma história mais espiritual.

- **François Simiand (1873-1935)**: não foi historiador, mas economista e sociólogo.
- vínculos com a história nova
- Artigo “Método histórico e ciência social”: “três ídolos da tribo dos historiadores”

p. 42

- 1º O idolo político: A preocupação perpétua com a história política, os fatos políticos, as guerras dando uma importância exagerada.
- 2º O ídolo individual: o hábito de conceber a história como história dos indivíduos, e não como um estudo dos fatos, hábito que ainda conduz comumente a ordenar as pesquisas e os trabalhos em torno de um homem, e não em torno de uma instituição, de um fenômeno social, de uma relação a ser estabelecida.
- 3º ídolo cronológico: o hábito de se perder em estudos de origem, em investigações de diversidades particulares, em vez de estudar e compreender primeiro o tipo normal, procurando-o na sociedade e na época em que ele se encontra.
- Destronar a história política foi o objetivo número um dos “Annales” e continua sendo uma preocupação de primeira ordem da história nova. Uma nova história política, ou antes uma nova concepção de fato político, deve tomar seu lugar no domínio da história nova.
- Desembaraçar-se da história dos grandes homens. A história nova deve reexaminar a questão dos grandes homens e dar um novo estatuto científico à biografia.
- Rever os hábitos cronológicos dos historiadores é uma das grandes tarefas da história nova.

Uma história francesa?

- A história nova parece ser, essencialmente, uma história francesa. E de fato é, em grande parte.

Pag. 43

- A história desempenhou na França, desde o século XIX, se não desde o fim do século XVII, um papel dominador, federados e pioneiro no campo das ciências que iriam chamar-se humanas ou sociais. Na França foi a história que desempenhou o papel guia.
- A França é o único dos grandes países modernos a ter uma tradição historiográfica antiga e contínua, ligada tanto aos centros de poder político e ideológico (monarquia,

igreja) e à formação precoce do sentimento nacional entre os séculos XII e XV. Vitalidade e importância da historiografia francesa desde a Idade Média.

- A tradição historiográfica da França protegeu-se contra duas influências: filosofia (filosofia da história) e do direito (história jurídica).
- Influência de estrangeiros na gênese dessa história

pag. 44

A história nova fora da França

- A história nova também se faz fora da França, e muitas vezes de maneira brilhantemente pioneira.

A história nova hoje

- A história nova foi definida pelo aparecimento de novos problemas, novos métodos que renovaram domínios tradicionais da história e, principalmente talvez, pelo aparecimento no campo da história de novos objetos, em geral reservados, até então, à antropologia.